



Viagem desnecessária

S

á para comprar pão. Era manhã de domingo e todos, menos eu, dormiam o sono dos justos lá em casa. Quando acordassem, adviria aquele desejo de um bom café com pão com manteiga. Mas embora da última houvesse em abundância, do primeiro estávamos em total carência. Felizmente agora há uma mercearia que abre cedo lá perto de casa. E quando digo cedo é mesmo cedo: às sete da manhã, a família que a gere já lá está a alinhar os caixotes com laranjas, pêssegos, cenouras, alfaces e cebolas à porta do estabelecimento.

Nunca compreendi a insistência nacional generalizada de se iniciar tarde as relações comerciais com os clientes

Nunca compreendi a insistência nacional generalizada de se iniciar tarde as relações comerciais com os clientes. Até então, ia comprar meus entretenimentos gastronómicos em outra mercearia que abria inflexivelmente às 9h30. Às 9h15 já havia gente à espera para poder agarrar nos ítems em precisão e seguir à sua rotina diária. Mas o dono era de uma renitência fósil: mesmo com clientes prontos a deixar dinheiro na sua caixa registadora, ele não abria as portas enquanto o relógio não desse as 9h30. Mudei e agora abasteço-me na família que acorda cedo para satisfazer os desejos hortifrutigranjeiros precoces de quem também madruga.

O meu era simplesmente o de comprar pão. Tomei o elevador, saí do edifício, pensei pouco e decidi mal: “Vou de carro”. Não são mais de 300 metros. Mas um acentuado declive na ida e outro semelhante na volta – o que, a bem da Matemática, daria uma resultante nula – toldaram-me o bom senso, que ainda mal emergia do torpor do sono.

Entreí no automóvel já com a incómoda sensação de que estava a pecar, mas prossegui.

Andei 20 metros com o carro rua acima, até encontrar espaço para dar a volta e descer a minha rua. Neste pequeno fragmento de percurso, os meus neurónios, em marcha lenta, começaram a funcionar. Raciocinei. O meu carro pesa 1200 quilos. Só para movimentá-lo até ao cimo da rua, é preciso um esforço brutal.

Ele depois desce a rua por inércia gravitacional, mas a seguir tenho de o empurrar novamente para a frente, e depois para cima, e depois de volta para casa. A energia dispendida é sobre-humana. Viva o petróleo!

Em números redondos – expressão que se presta às mais abusivas aproximações –, a eficiência energética de um automóvel traduz-se no seguinte: de todo o combustível gasto, apenas cinco a dez por cento serve, de facto, para transportar os seus ocupantes do ponto A ao ponto B. O resto perde-se em calor, atrito ou presta-se a mover o próprio carro, um autêntico trambolho. Numa analogia presidiária, a situação equivale a arrastar uma bola de ferro amarrada à perna com uma corrente.

Para justificar tamanho contra-senso, recorremos ao que há de melhor no armário das desculpas esfarrapadas. No meu caso, elas eram clarividentes. A necessidade de alimentar o resto da família, que em breve acordaria a clamar por pão, era imediata. Não é de desprezar, certamente, a inércia muscular em que vegetava o meu organismo recém-desperto, onde não apenas o cérebro não comandava a carne, como esta última rejeitava ordens de qualquer espécie.

O exame final foi esmagador. Fui, comprei o bendito pão e voltei, desta feita com a consciência mais pesada do que as pernas. E ninguém lá em casa tinha acordado. A alvorada familiar só se generalizou uma boa hora mais tarde, tempo suficiente para eu ter ido a pé até à mercearia, voltado e lido 50 páginas de *Os Lusíadas*. Da próxima, já sei. ●

*Jornalista
rgarcia@publico.pt*